

"ESPERANÇA NO
CIDADE"



conf.

GRASE / TEREAÇO

19 / 12 / 83

MARIA DE LOURDES PINTASILGO

PRIMEIRO MINISTRO

Fundação Cuidar o Futuro

Esperança da cidade

19/XII/83
(~100?)

I - Introdução

1. A terra \equiv cidade em tempo de crise Três flashes:



• Venho esta semana da maior cidade do mundo, Tokyo, e th. a cidade mais totalmente tecnológica q̄ conheço:

Fundação Cuidar o Futuro

— os \neq viadutos q̄ cruzam a cidade e são a nervura da sua actividade produtiva;

— o automatismo da \rightarrow parte das infra-estruturas (as células fotoeléctricas usadas em ~~tempo~~ tudo: o "abre-te, sésamo" em todos os momentos)

- a loucura do seu bairro⁽²⁾
de artigos elétricos onde cen-
tenas e centenas de lojas
grandes e pequenas projec-
tam o h no mundo das
micro-ondas e dos universo
bi-polar dos computadores;

- a festa nocturna dos
anúncios luminosos, cenário
inesquecível e de beleza ex-
trema p: quem não identifica
um único sinal e só ~~he~~^{se}
apercebe da sua riqueza
plástica



É no meio de tudo isto ⁽³⁾,
as recomendações dadas
aos visitantes sobre o que
fazer em caso de um
terramoto... apagar o lume,
fechar o gás, seguir as or-
dens do encarregado do
quarto ou do prédio... e/a
indicação de que "é raro que um
edifício caia de uma só vez!"



• Em Viena, há um ⁽⁴⁾ mês. Somos 25 ex-chefes de Governo a discutir a situação do mundo, à porta fechada. Uma tentativa, mais uma, de fazer face à situação presente. Iniciativa devida a um velho conservador japonês. É o novo grupo a declarar, no fim, com todo o peso dos nomes q o compõem:



Os membros do Conselho exprimiram a sua convicção de que o mundo está hoje amea-

caso pela situação mais ⑧
perigosa da a " guerra
mundial " e q̄ " uma
tragédia global pode
ser desencadeada pelo
mais insignificante dos
incidentes acidentais,
não decidido, não devido
à falta, não devido à
vontade dos homens "



• ~~Discutimos~~, na se- (6)
mana passada, o pro-
grama da Univ. das
Nações Unidas p: os dois
próximos anos. Chegámos
ao ~~o~~ programa relativo aos
mecanismos p: a paz. E fui
vice-reitor, ex-chanceler
d' Univ. de Accra, em Ghana
a interromper o q' dizíamos
com uma convicção
das entranhas:

"enquanto discutimos o
perigo do armamento durante
uma hora, morrem, no
mundo, nesta mesma hora,
1.800 crianças de sub-nutrição
de fome."



2. O homem \equiv um eu em
tempo de crise (7)

Ainda 2 flashes:

• Dizia-me o reitor da UFRJ:
& Nações Unidas:
"desfizeram os últimos
filósofos, quem pode pensar
o h hoje? quem pode
formular as grandes in-
terrogações? quem pode
dizer uma palavra,
abrir uma pista q seja
universal?"

E concluíamos dizendo
q só os poetas falam a
todos do mundo do
simbólico e dizem uma

nova filosofia. A prova ⑧
tive-a no termo da nossa
período de trabalho. Todo o
staff permanente em Tokyo
organizara uma tarde
e um período de festa fi-
o n/ último dia de trabalho.
Houve danças do Tailândia,
teatro Nô, canções de crítica
social vindas dos EUA.

Conhe-me cortar o bolo
da festa e dizer algumas
palavras sobre o sentido
daquela encontro. Foi
~~acentuando a n/ diversi-~~
dade lendo um poema
de Jorge ^{de} Sena. Uma sala
em silêncio como se uma grande
certeza ali tivesse surgido.



• Ao mesmo tempo, p^o ⑨
cada h, ao fecharem-se as
portas de acesso a uma
acção possível, há uma
destocação da responsabili-
dade.

Diziam há dias num
grupo de psicanalistas q
a ~~única~~ ^{modo de} responsabilidade
q ~~está~~ ^{deixou} de ter
conteúdo social, farsou
a ser: não resposta
a outros e à sociedade,
mas resposta a si pp
(espécie de esquizofrenia
q se ignora), ~~ass~~



uma responsabilidade (10)
exclusiva/ narcissista, pro-
longamento no ^{psicologia} tempo adulto
de responsabilidade infantil.



Fundação Cuidar o Futuro

3. A Bíblia, lugar de acções simbólicas; (11)

Os profetas, denunciam a situação de crise, vêm chegar, do interior, o ne- grime das coisas, pres- sentem...

Mas, ao mm tempo anunciam e por actos simbólicos aquilo mm q̄ to cará no cerne da crise e a tor- nará suportável ou superável.

Jeremias é um desses profetas e é dele q̄ vou falar.



III) Uma nova esperança ≡ 1
outro modo de olhar

O futuro está no presente

Historia
Fundação e de Publicações
Centro de Documentação e de Publicações
Cuidar o Futuro

1. O contexto da ação

Jerusalém está sitiada pelo exército de Babilônia.

O povo e os seus dirigentes esperam q̄ os profetas lhes assegurem a vitória, q̄ tenham visões otimistas da realidade.

E eis q̄ Jeremias, face a essa expectativa, olhando de frente a situação, consciente dos perigos e das causas q̄ levaram até ali Jerusalém, eis q̄ se

põe a dizer o q̄ v̄. (Zer. 32, 3-5) 2
LER
Parece q̄n̄ compreender, mais
uma vez, q̄ lhe querem dar
um papel de terapeuta e de
consolador na aflição.

Não aceita esse papel. N.º
pelo contrário. Chama as
coisas pelo seu nome.

Lucida). Face às condições
da cidade sitiada, diz q̄
os caldeus tomarão a cidade
e q̄ os seus habitantes serão
deportados. Não anuncia
a vitória, mas a derrota,
a deportação, o exílio.

Por isso, é preso.



2. Uma acção "estranha" 3

Uma vez na prisão, Jeremias conta q̄ Deus lhe diz p̄ comprar um campo (umas terras) q̄ um seu primo de sua ~~terra~~ ^{aldeia} ~~data~~ ^{data} lhe virá propor.

De facto, o primo chega faz-lhe a proposta de compra e começa um longo ritual do q̄ chamaríamos hoje escritura de compra e venda!

Jeremias pesa o dinheiro, redige a escritura, sela-a, torna os guardas de prisão como testemunhas, dá o exemplar selado ao



Seu secretário Baruch e
Diz-lhe o p̄ há - de fazer: (14-15) 4

Tendo cumprido o q̄ Deus
lhe mandara fazer, Jere-
mias fica, apesar de tudo,
perplexo. Põe-se a rezar:
pede a Deus de humilha p̄
Israel, entristece-se c/ a
queda iminente de Jerusalém
- e espanta-se grande/
q̄ no meio de tal desastre,
Deus lhe tenha mandado
comprar um campo:

" . 21-25



Deus responde-lhe recapitulando as desordens e infidelidades de Jerusalém e, quase
8/ discontínuidade, anuncia
9/ o pará voltar do exílio.

(26-33; 37-44)



Fundação Cuidar o Futuro

3. Dois sentidos de história 6

Há nesta narrativa uma óbvia "falta de lógica".

A história, sequência no tempo, lugar de realização de promessa, vinda de Deus, contrapõe-se a história, à multitudine no tempo, dos actos dos hs.

Não se trata de uma expectativa voltada p: o amanhã mas de uma atenção ao q é possível hoje.



A história aparece em ⁷
toda a narrativa de Jeremias
feita de movimentos brow-
nianos, absurdos em si,
& orientados sem direcção.

Mas é no meio desse \overline{m}
movimento desordenado q̄
se inscreve o acto, o gesto,
o fenómeno q̄ o ultrapassa
e, como q̄ fora do movi/
o da história, plácido rio
correndo entre margens
apocalípticas, acaba por
lhe dar sentido.



O q̄ esta acção faz
 não é, como esperaríamos,
 q̄ a perseguição, o desânimo
 ou o desespero de hoje,
 podem ser ultrapassados e
 vencidos nos "amanhãs
 q̄ contém".

Não, é no peito desse
 desânimo, dessa falta de
 sentido q̄, algures,
 e aparentemente de forma
 marginal e paradoxal,
 se inscreve o acto q̄ é
 acontecimento transformador.



4. A intervenção de Deus na história

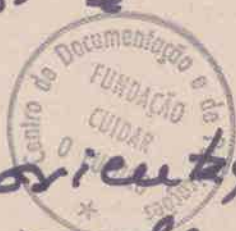


Numa tal história
Deus não vem fazer aquilo
q̄ o h̄ n̄ foi capaz de fazer.
Não vem responder às n/
carências fundamentais.
A vida de está' citiada,
q̄ defesa é ilusória,
os h̄s são incapazes de
melhorar a situação.
O q̄ significa q̄ o povo
escolhido n̄ se salva,
n̄ escuta os profetas,
precipita-se na sua p̄
perda.

Por isso, em vez de o aju⁷⁰
dar a salvação - se a tempo,
Deus deixa acontecer e toma
à sua própria conta as fatalidades
de história como se as tivesse
provocado e querido.

Deus de história *in* massa?
Sem dúvida. Mas não do
alto como um produtor de
"marionetes". Deus de histó-
ria nos seus avanços e
recuos.

No meio de desorientação
de história a palavra de
Deus suscita o gesto que
rompe as cadeias, diz o
não dito, pela o inédito.



5. A actualidade desta si- 11
tuacp

E nós?

No fundo de nós nut,
sentimo-nos todos critiados.
De todos os lados, nos vem
a imagem desoladora da
n/ incapacidade
p: gerirmos o planeta,
a Fundação Cuidar o Futuro
n/ afectos.

• O mundo está como q̄
embrutecido e s/ recursos
face à mega-crise em q̄
vivemos.

As negociações p: o desen-
volvimento, em pessoas da
CNUCED ou em encontros



N/S (como o último em 12
~~caso~~) limitam-se a veri-
ficar o estado das coisas e a
emitir "votos piedosos"
mútua solidariedade -
e o poder de decisão n
estivesse ali nas mãos dos p
re contém a volta de mesa
de negociações.



Quanto se pode dizer de
negociações p. o desarmen-
tamento. As marchas de paz
revelam a vontade idealista
dos povos mas as práticas
quotidianas anulam todos
os esforços. Estamos trágica/
solidários neste planeta,

13
atingidos pelos meios de
destruição q̄ criámos, pelos
mecanismos da chamada
"defesa" q̄ as n/ sociedades
produziram.

E m̄m se reduzimos
a n/ intervenção à n/ escala
verificamos q̄ n̄ cabemos
como realizar a tarefa árdua
de fazer da cidade, do país
q̄ são os n/ lugares habi-
táveis. Olhamos p: trás e
verificamos q̄ m.º do q̄ fi-
zemos se превerteu e se
tornou fracasso. Então nada
é já a destruição física q̄
nos ameaça mas sim o

cercos dos n/ piores inimigos 14
- a lassidão, a morte de genero.
cidade, a redução das n/
perspectivas, os "goulagos"
e n/ p/ determinação.

E até ao nível das relações
+ próximas experimentamos
esse cerco. A afeição + solidão
abafa-nos, torna ^o tempo
lírio p. a ambição do outro
ou p. o que ilimitado culto
do eu.



6. O risco da denúncia

Que fazer então? Denunciar.
Dizer. Enunciar os erros em
q̄ caímos, os becos-s/saldos
deste mundo, do país,
sociedade, do n/affectos.



Mas aí rebenta o grande
escândalo. Porq̄ numa
sociedade bloqueada, nin-
guém quer ouvir a verdade.
Porq̄ nas sociedades entor-
pecidas pelas falsas ~~ide~~ visões,
n̄ é ~~per~~ tido por conveniente
denunciar a injustiça, o
erro, a ~~corrupção~~ ilusão.

Dizer o n.º da fome
 (3/5 hum.), do desemprego
 (400.106), do armamento
 escala planetária e ser
 universalista, tu. até essa
 coisa q̄ se n̄ quer ver p̄
 falta dos q̄ n̄ têm q̄ é o
 terceiro-mundista... Dizer
 as transformações profundas
 exigidas pela cultura de-
 mocracia hoje é ser idea-
 lista, crime de lesa-majest-
 ade num tempo em q̄ o
 realismo é acreditar ou
 fazer acreditar no ilusório
 q̄ é o crescimento econô-
 mico sempre possível...



Fundação Guicard e Futuro

É a arte de gerir as 17
coisas públicas deixou de
estar orientada p. os seus
objectivos específicos
para fazer as aspirações
e as necessidades fundamentais
dos indivíduos e dos
grupos.

Hoje foi substituída pela
simples lubrificadora máquina
capaz de perpetuar
indefinidamente a exploração
das grandes massas
por aqueles que um punhado
de he.

Por isso, p. quem realiza
uma política - dentro ou fora
do muro -



ou há cerco nenhuns. 18
Não, não há nenhuns proble-
ma - apenas uns zero mais
nas dívidas. "Tudo vai bem".
Não, não há nenhuma crise
planetária. A mega-
crise não existe. "Tudo vai bem".



Nem sequer a zona
íntima dos n/afectos segue
leis fundamentais. Tem-se de-
nunciar o cerco da rotine,
da chantagem consentida,
a cumplicidade gerada pelo
hábito - denunciar o vazio
e o mal suportado. É o outro
q' é demasiado exigente ou o
contrário disto, q' é torna-
siado intelectual ou demasiado
prático,

é o outro q̄ julga as coisas
Qual. Não, em mim n há
problemas. "Tudo vai bem."



Se assim é, quem entre
nós ousará ver p.º além das
pequenas histórias quoti-
dianas, episódios reais de
~~esta~~ tele-novela e/ q̄ substi-
tuímos a história; quem
ousará dizer, com as pa-
lavras da verdade, a am-
plidão das questões q̄ nos
cercam? Quem, no concerto
das nações, ousa denunciar
o cerco da civilização q̄
criamos e aponta p.º
outros caminhos?

Quem, entre nós, será 20
porte-voz de todos os sitiados
pela abundância e pela
indiferença dos outros?

Quem, entre nós, saberá
^{proclamar}
~~aceitar~~ a renúncia e conti-
nuar a dizer ao longo de
vida as palavras do afecto
sem ficar à espera de
resposta? Quem, entre
nós, será capaz de ~~fugir~~ recusar
~~os novos dogmas~~ o imperialis-
mo dos novos dogmas,
o cerco das novas ilusões,
e se tornará capaz de
amar ~~de~~ a nova força
e em novos moldes?



Fundação Criar o Futuro

Sabemos o q̄ acontece a quem
 ousar dizer o cerco e o seu
 fim. Mete-lo-ão na prisão,
 c/ grades ou s/ elas, tanto
 faz. Será reduzido a silêncio
 os seus sonhos e as suas
 convicções. Tirar-lhe-ão a
 sua plataforma, o seu lugar,
 o seu público. P:º q̄ se cale.
 Dir-lhe-ão q̄ n̄ perceber
 nada do q̄ se passa, q̄ n̄ há
 coincidência de registos entre
 a realidade e o q̄ ele pensa.
 P:º q̄, perplexo, se fecha em
 si próprio. O seu comporta-
 mento será ridicularizado,
 vilipendiado. P:º q̄ ao sicut



Fundação Cuidar o Futuro

maximal. Será reduzido ao 22

Ciência pela \bar{p} solidão

\bar{q} desista. ~~Para \bar{q} traia~~



Entrar-lhe-ão pelas almas
e pelos poros os caldeus
de hoje a quebrar a sua
singularidade, a roubar
o Templo \bar{q} erigira no
seu coração. Para que,
com toda a justificação,
traia. Para \bar{q} , com toda
a aparência de autenticidade,
se torne um número
mais no cortejo dos indi-
ferenciados pelo consumo,
pelo sexo, pela ~~estatística~~
~~tecnica~~.

Para \bar{q} ~~omita e sugere~~
fique reduzido a um n.º na
estatística dos comportamentos
sociais.

(Tenho vontade de
dizer q se o cristianismo
está ^{aparente} a chegar ao fim do
seu percurso histórico é
pq os cristos estão a
ceder a tudo isto.)



Fundação Cuidar o Futuro

7. A aceção inesperada 22A₂

Has nad. Lenta/, c/ toda a serenidade, esboça - se uma aceção.

O profeta - o q̄ conhece grande e viu longe - vai tratar de coisas m.^{to} simples. Ignora a prisão em q̄ o melteram. Deixa de lado as suas vitórias necessárias / glo. pais e sociais.

Do fundo da sua situação de prisioneiro, lança um desafio à liberdade. Faz uma aceção inesperada.

Compra um campo.

Ensina a sua classe, aperfeiçoa o seu instrumento,



inicia uma actividade 23
boa.

Compra um campo. Retorna
o seu trabalho de outra ma-
neira, ~~escreve a sua p~~ liza-
de amizade e/ou conhecidos,
alarga o seu universo.

Compra um campo. ~~Compra a~~
esperança.



É fá-lo como quem se faz
um ritual - e o procedi-
mento é exigente as coisas certas.
Há nesta lentidão qq coisa
de uma "mise-en-scène" onde
cada gesto é recortado na
sua singularidade. E há
creme por menor ts fielmente
vivido uma resistência à

condições de prisioneiros, 24
um assumir da liberdade
+ profunda q̄ q̄ outro bem,
+ profunda até q̄ a libe-
dade material.

Q̄ estranha situação! Eis-
-nos citados, põem-nos
na prisão por dissemos os
factos inevitáveis
e aí deixamos de lado os
q̄ des discursos e compramos
um campo!



8. Agir a palavra

25

É q̄ q̄^{do} tudo se disse,
nada mais resta senão agir
a palavra.

Denunciar as consequên-
cias do cerco q̄ no rodar,
q̄ vai devastar tudo, q̄ possivel
já está minando tudo,
mas é só dizer as palavras
q̄ o significam.

É dizer imediata) e de
forma + evidente q̄ a liber-
tad não está num "de fora"
mas está no Π carne
e treva q̄ vivemos.



É dizer q̄ contra o cerco 26
mas há senão uma solução
— retomar os gestos que h' dia-
mos, remear, plantar, cons-
truir, edificar, tecer.



Comprar um campo.
Dizer, pelo gesto, q̄ o diálogo
e a troca entre os h's fassê-se
através do f̄ lher é + próximo.

O comércio entre os h's,
no sentido clássico de com-
ércio entre eles, diz q̄ q̄
um pode recomeçar.

Agir a palavra. Exacta/
o contrário do q̄ se passa a
m/volta. Todo o cerco ã
evoca senão evasão e evasão
ai/.

É Assim q̄ o profeta de 27
peta em cada um de nós,
e q̄ o + pequeno índice de per-
cequias se revela, continuam
a ser as palavras q̄ se subs-
tituem à act. O turbilhão
dos comentários mil vezes repe-
tidos, as conversas em plano
iluminado continuam a ocu-
par. Tudo o possível
é em de existência a fofo-se
na capa de conversas s/acto.
A energia evade-se e
perde-se. E é aí q̄, sem
darmos por isso, a n/
cidade interior cede ao
invasor.



9. A misericórdia de Deus 29

A misericórdia de Deus não é assim algo que, de fora, viesse mudar a história. Mas antes a perseverança de procura no meio dessa min história.

Jer. diz de forma dramática como ressentiu esta ação de Deus a partir do ar né a história 9.ª - confessa o tormento que passava, tentando não pensar em Deus, já que falar em nome de Deus lhe acarretava tanta dificuldade.



Dizia ele:

30

"era como um fogo devorador
no meu coração, ^{fechado} ~~destinado~~ nos
meus ossos. Esgotava-me a
tentar contê-lo mas não o
consegui."

A misericórdia de Deus
é irrefreável deste fogo devorador
no universo fechado da prisão
em que estamos. É a act
^{consciente} justa e nítida. É a afirmação
do ser sobre o não-ser.
É o poder de vida sobre tudo
o que a encarnação fez e destruiu.



É no meio da situação 31
Mais fechada q̄ Deus diz
uma ordem nova de coisas.
Nãõ a estratégia p̄: ter viver
o cerco. Nem o milagre p̄:
fuir da prisão. Mas uma
outra perspectiva: comprar
um campo:

"Hãõ de comprar - e e ven-
der - os campos nesta terra
de q̄ dizes q̄ está despoada,
devastada, entregue aos cal-
deus."

Outra forma de viver q̄
naõ tem a ver c/ as lutas
entre caldeus e judeus



O anúncio de Deus p.^o 32
o futuro n̄ tem outro conteúdo
p.^o além do imediato da sua
presença. A certeza de q̄
amanhã, noutras situações
de bloqueio, ~~em~~ gestos idên-
ticos q̄d possíveis e são
exigidos. "Eu sou o Senhor,
o Deus de todos os corações;
haverá filhos q̄ não seja
impossível?" (Jer 32, 27)



9. O ciastão em situaç 33
de blofueio

Hoje, neste mundo e
neste tempo q̄ cad os nosos,
tudo é cerco p̄ nós.

Mas p̄ muitos importa
acima de tudo negar a
crise global q̄ põe em causa
a estrutura da int̄ social.
Ou até escamotear a ver-
dade dos factos e fazer
creer ao povo q̄ c̄ os ins-
trumentos, a lógica
(ou falta dela), as ideo-
logias ultrapensadas de
q̄ se servem ou q̄ servem,



é possível ultrapassar
~~a crise. estado~~ ~~intencional~~
 q̄ pesa s/a humanidade de
 q̄. ^{to} a possibilidade de sua
 p̄ sobrevivência. É uma
 nova forma de opio do
 povo. - ~~n̄ hã~~ ~~se~~ mantém
 quase quotidiana desde
 há 2 anos diante de
 população inteira de um
 país a ideia de q̄ uma
 certa forma de coope-
 ração econômica e
 determinado grupo de
 países ~~ou~~ a ~~salvação~~??

Fundação Cuidar o Futuro

Não é essa, e não pode ser 35
essa a atitude dos cristãos.
Queremos-nos lúcidos,
sendo a verdade das coisas
e das situações. Não como dos
q̄ querem dar ao povo ilusões
cobre o "cerco".

Mas uma tal lucidez
não nos vale de muito.
Hoje, como no tempo de
Jeremias, cada um deseja
ser tranquilizado e a
vulnerabilidade de massas
populares (q̄ todos somos)
faz apelo, por assim
dizer, às promessas ilu-

ilusórias das forças de 36
poder.

Que fazer?

~~É preciso dizer~~

A única palavra portadora
de realismo na cidade
é a q̄ denuncia o tipo
de sociedade em q̄
vivemos. P.ª dizer q̄
é imperativa uma
outra ordem de coisas:
de finalidades, de
objectivos, de meios, de
solidariedades.



Dando imediata à fa 37
lavra q denuncia o seu
complemento de ações
q anuncia.

Fazer, como Jeremias,
como ação s/ nenhuma
proporção aparente d os
problemas levantados.

Mas fazer — o q significa
tomar decisões, ultrapassar
o limiar paralisante
d hesitação e d perple-
xidade. O q significa
verter no real a corrente
incessante d imaginação,



fazer corpo ya realidade 38
mais imediata, por mais
pequena q̄ seja.

Dar-se conta de q̄ só é
in-sigñificante o q̄ não tem
sigñificado. E q̄ todos os
gestos quotidianos estão
carregados de sigñificado
humano.

Structurar assim a
vida a partir dela ^{m̄}
dos seus valores ^{esmagados} ~~esmagados~~,
das suas possibilidades
encobertas.



10. A promessa e a sua realizac̃o

E' certo q̃ a acc̃o de q̃ falo aqui se insere no quadro da ~~esperanca~~ promessa de Deus q̃ ao seu povo. Poderiamos fazer apelo a promessa, imaginar q̃ em todo o deserto brotarão flores um dia.



Mas a mensagem desta acc̃o simbólica de Jeremias está na simultaneidade da promessa e da sua realizac̃o, do deserto e das suas flores.

Por várias vezes, o pro. 40
~~feta descreveu~~
Jeremias parece dizer-nos
nesta acção q̄ a história
é o conjunto desconcertante
de situações e factos ape-
rentes contraditórios.

Como se quisesse desfazer
os esquemas ^{de} causas ^{efeitos},
~~teorias e hipóteses~~
q̄ encadeamos os aconte-
cimentos.

Como se quisesse dizer-
-nos q̄ n̄ há estratégias
válidas e não aquela
q̄ nos faz agir hoje, já,
e, assim, us obrigo a existir.



A história aparece-nos 41
assim como diferente da
quência linear de aconteci-
mentos q̄ mutual se pro-
vocam. Vive-se na vertigem
de múltiplos turbilhões.

Tantas vezes a apresen-
taç linear d' história
reduz a n/ capacidade de
acção.

Resignamo-nos. Ou cal-
culamos.

Especulamos. Ou esperamos.

Imaginemo-nos. Ou fazemos
estratégia.

De um modo ou de
outro ~~modo~~ acreditamos
q̄ a história vai seguir



certinha e c/ ela nos 42
vamos encontrar no dia e
hora certos.

Ora toda a ciência do
futuro diz q̄ nada é previ-
sível. Toda a projecção his-
tórica a partir de um hoje
q̄ conduz a cenários q̄ o
futuro já verificado des-
mente.

O único travão ao
absurdo da história
não é o longínquo ame-
nhã mas a abertura,
a brecha, talvez o
paroxismo, no seio
do ip̄ absurdo.



Dis-nos q̄ é mais do q̄ 41
A história ~~nao e~~ 41
a sucessão linear dos
acontecimentos q̄ mutual-
de provocam.

E tanto faz q̄ essa su-
cessão linear surja como
resultado de um arca-
bóico racionalista ~~como~~

e consciente ou como
desembocar da lógica
p̄ do inconsciente,
iludida em expressões
como "nao sei o q̄ irá
acontecer", "há q̄ coisa
q̄ me está trabalhando
e q̄ ainda nao vejo", etc., etc.

A originalidade hu 42
mana quem, como outro
caso, está contida dentro
de balizas. Se estamos
+ habituados a prever o
termo do processo ra-
cional, não nos para
desapercebido o processo
e a inflexibilidade do
percurso inconsciente

Fundação Cuidar o Futuro



~~Mas, p^o além~~
~~das, p^o além dessa lógica~~

~~(que não é apenas a aparência~~
~~das coisas) está. Nessa mes-~~
ma lógica — q^o só é q^o
percebida, fora do contexto,
no seu limite do imedia-
tismo —

ius creve-se o + radical 421
absurdo. É o único traço
a esse absurdo da história
nad é o longínquo amanhã
mas a abertura, a brecha,
talvez o paroxismo, no
seio do π absurdo



Fundação Cuidar o Futuro

Assim, a eficácia de quem 43
planeja não está nos re-
sultados q̄ obterá, (ou não)
mas na pp̄ acção de pla-
nificar — eu diria quase
seja o q̄ for — aqui e agora.

A coragem daquele q̄
faz acções imediatas, por
+ limitadas, q̄ sejam, no
meio das condições
mentos mais ~~for~~ fortes,
não está, em primeiro
lugar, no resultado dessas
acções mas no q̄ elas
significam de trans-
bordar de vida
situaç de paralisia.



O fazer, então?
 Tudo é invenção nossa,
 numa história que deixa
 de haver o + e o - impor-
 tante. A história é poli-
 cêntrica ao infinito. Cada
 um de nós é no momento
 e no lugar preciso, um
 centro possível.

O que importa é abandonar
 o atual o suposto centro da
 história e procurar outro
 lugar, criar outro centro.
 Deslocações contínuas
 no território dos aconte-
 cimentos.



No meio do cerco, a grande subversão:

"Sim, os campos serão vendi-
dos e comprados, as escri-
turas serão redigidas, e
serão seladas diante de
testemunhas..." (Mt 33,44)

Fundação Cuidar o Futuro



10. Uma esperança outra 46

A subversão é possível
por um outro processo
está em curso. Tudo é
possível porque "libertarei
os cativos", diz o Senhor.
O cerco ~~pode~~ ^{pode} ser levantado
p^q Deus abre um cami-
nho de libertação p^a
todos os cativos das suas
prisas interiores. É uma
liberdade nova q^e permite
ousar, fazer o gesto
inesperado na história
unidimensional
de q^e toda a expectativa
fora excluída.



Será isto esperança? 47

É-o. No sentido q̄ lhe deu o seu livro maravilhozo o poeta Pejujy : a esperança, a virtude de Deus q̄ foi adiante de nós e de outras virtudes, n̄m d. Fe' e d. Caridade, a q̄ abre o caminho.



É porque há gente cobiçada q̄ compra conforto hoje q̄ a esperança está viva, q̄ a vida é viável. E fazem-no ^{realizam} no meio do cerco ~~sem~~ ~~travada~~ a ação prosaica, ~~de~~ com limitados e concreta,

de entrar em ~~no~~ comércio 48
e outros hs. (Egito Gonçalves)

— 11 —

A teologia contemporânea
~~conf~~ tem vindo a publicar
o papel de "esperança q̄
transforma a história".

Assim o teólogo Cefé, prof. da
Univ. Cat. de Paris, diz assim:

"Diferentes de concepções gregas
de história q̄ está sob o
sifno do retorno do já
conhecido, a história de
Porro de Deus está toda
orientada p̄ a realização
prometida.



E, uma vez q̄ Deus como Deus de promessas está p̄r. p̄r. além de todas as realizações, o futuro é sempre aberto.



A história está portanto p̄r. aberta a algo de novo e Deus como "Deus das promessas" é o Senhor de 1 futuro imprevisível.

A história n̄ nos encaminha tanto p̄r. um Deus q̄ é, i.e., um Deus q̄ estaria p̄r. presente em acontecimentos

spr. semelhantes, (50)
como ao Deus q̄ vem,
ao Deus q̄ Basmilha
à frente de história.

(- - -) Os cristãos são assim
as testemunhas de uma
promessa q̄ faz surgir
o novo na história.

Fundação Cuidar o Futuro

— Seremos nós ??

